



The Observatory of Social
and Political Elites of Brazil

ISSN on line
2359-2826

**Diretores do Banco Central do Brasil nos governos
Cardoso, Lula e Dilma: uma radiografia dos seus
backgrounds educacionais**

Adriano Codato (nusp/ufpr)

Marco Cavalieri (ufpr)

newsletter

v. 2 ▪ n. 5 ▪ janeiro, 2015

universidade federal do paraná (ufpr) ▪ núcleo de pesquisa em sociologia política brasileira (nusp)

Diretores do Banco Central do Brasil nos governos Cardoso, Lula e Dilma: uma radiografia dos seus *backgrounds* educacionais

Adriano Codato (nusp/ufpr) *

Marco Cavalieri (ufpr) **

Resumo: O artigo analisa a trajetória acadêmica (graduação e pós-graduação) de 39 diretores do Banco Central do Brasil que serviram nos governos Cardoso, Lula e Dilma entre 1995 e 2014. Evidencia, a partir de dados compilados das biografias individuais, a influência da formação ortodoxa em Economia sobre a maior parte desse grupo de elite. Essa constatação é mais notável ainda quando se examina o subgrupo de 19 diretores detentores de diplomas de doutorado, 75% obtidos nos Estados Unidos em departamentos do *mainstream* da área.

Esta nota de pesquisa faz uma radiografia da trajetória escolar dos diretores do Banco Central do Brasil (BCB) que serviram nos governos FHC 1 (1995-1998), FHC 2 (1999-2002), Lula 1 (2003-2006), Lula 2 (2007-2010), e Dilma 1 (2011-2014).

O número de casos observados é de 39 indivíduos. No Anexo 1 há uma lista nominal dos diretores e dos governos pelos quais passaram.

Nosso objetivo aqui é destacar alguns padrões na formação universitária, tanto na graduação como na pós-graduação para avaliar quantos desses dirigentes frequentaram escolas de economia “ortodoxas” em qualquer ponto das suas carreiras intelectuais.

Os dados sobre trajetória escolar foram obtidos diretamente dos currículos dos diretores submetidos ao Senado Federal para aprovação de suas indicações¹.

Dividimos este trabalho em três seções. Na primeira, explica-se que se deve entender por ortodoxia em Economia e como essa noção está sendo empregada aqui para classificar as instituições universitárias pelas quais passaram os diretores do Banco Central do Brasil. Na segunda seção expomos os dados sobre os diplomas de graduação desses agentes e mencionamos que escolas podem ser consideradas ortodoxas em Economia. Na terceira seção tratamos dos cursos de mestrado e/ou

¹ Conforme a Constituição brasileira de 1988 cabe “privativamente” ao Senado “aprovar previamente, por voto secreto, após arguição pública, a escolha de Presidente e diretores do banco central” (Art. 52.). Na prática, o Presidente da República escolhe o presidente do Banco Central e este escolhe os seus diretores. As indicações desses dirigentes são submetidas à Comissão de Assuntos Econômicos do Senado Federal que faz uma arguição dos “candidatos”. A aprovação do nome do diretor se dá por maioria simples dos membros da Comissão (através de voto secreto) e, posteriormente, por maioria simples de votos em plenário na Casa.

doutorado que os dirigentes do BCB seguiram e qual o percentual de formados em departamentos de Economia ortodoxos.

A finalidade dessa nota de pesquisa é taxonômica.

Interpretações sobre o comportamento dos agentes administrativos do Banco Central do Brasil, tomadas de posição, eleições de prioridade, escolhas políticas, etc. não podem ser deduzidas automaticamente daí, embora, como já se sabe, não são indiferentes ao *background* educacional (Farvaque et al. 2009; Göhlmann & Vaubel 2007).

Sobre o conceito de “ortodoxia” em Economia

Há uma discussão relativamente importante na área de metodologia da Economia e na área de história do pensamento econômico sobre o significado de “ortodoxia” e seu emprego no debate especializado na disciplina.

Dequech (2007) é bastante esclarecedor a respeito das classificações gerais de ideias, escolas, instituições e indivíduos em Economia.

Em primeiro lugar, é preciso cuidado para não confundir ortodoxia econômica com o conteúdo de um tipo de teoria econômica, a Economia neoclássica, por exemplo. Como bem ressalta Dequech (2007), a corrente principal da Economia – que pode ser chamada de *mainstream* – não é constituída somente por uma matriz disciplinar de raízes neoclássicas. Em artigo bastante citado, Colander, Holt e Rosser Jr. (2004) mostram como o que frequentemente se classifica como *mainstream* tem, nas últimas três ou quatro décadas, se afastado da economia neoclássica².

Além disso, o *mainstream* econômico deve ser diferenciado de ortodoxia.

De acordo com Dequech (2007) e Colander, Holt e Rosser Jr. (2004), a definição de *mainstream* é sociológica, enquanto ortodoxia define-se conforme um conteúdo intelectual, ou melhor, teórico.

Mainstream é o conjunto de ideias sustentadas por indivíduos que dominam as organizações, departamentos acadêmicos e periódicos científicos mais prestigiosos da disciplina. Economistas que ensinam ou esposam essas ideias, mesmo não fazendo parte dos circuitos de elite da profissão, também devem ser incluídos no *mainstream* segundo Dequech (2007, p.282).

² Para Dequech (2007, p. 280), a definição de teoria econômica neoclássica é bastante disputada. Entretanto, é possível dizer que ela incorpora três características essenciais: (1) ênfase na racionalidade do agente econômico e o uso da maximização como critério de racionalidade, (2) ênfase na busca de equilíbrios e (3) negação do uso, em modelagem, de forte incerteza.

Já ortodoxia, ao invés de ser definida em função do grupo de pertencimento, isto é, sociologicamente, pode ser definida pelo conteúdo teórico: é *a escola de pensamento dominante mais recente na profissão*. É possível conceituar um conjunto mínimo de preceitos teóricos que são esposados pelos membros do *mainstream*. Isso seria a ortodoxia. Na avaliação de Dequech (2007), a Economia neoclássica bem poderia se encaixar nesse conceito.

Todavia, ao se considerar a Economia neoclássica como ortodoxia, é necessário reconhecer que diferentes recomendações de política econômica podem ser obtidas através de instrumentais teóricos neoclássicos. Além disso, classificações como a de Mollo (2004), que lidam com subáreas da teoria econômica, também são úteis para se entender a dicotomia ortodoxia-heterodoxia no domínio de disciplinas particulares (Economia regional, Economia industrial, etc.). Cada disciplina pode admitir certas ortodoxias específicas. Na maioria das vezes elas abrigam os princípios da ortodoxia geral da disciplina, mas conservam suas particularidades.

Ressalte-se ainda que conceitos como ortodoxia, *mainstream* e heterodoxia – e mesmo “dissidência” – devem ser contextuais, isto é, estarem sempre referidos a tempo e lugar. Ao longo da história do pensamento econômico diferentes matrizes disciplinares alternaram-se como ortodoxia e heterodoxia (Dequech 2007; Colander et al. 2004). Barnett (2009), por exemplo, analisa como o marxismo passou a ser o *mainstream* e a ortodoxia econômica na antiga União Soviética, mostrando como em países distintos esses conceitos também podem conter atributos diferentes³.

Para os objetivos dessa curta nota de pesquisa o conceito de ortodoxia é mais útil que o de *mainstream*.

Isso ocorre porque o que interessa aqui é o perfil intelectual das instituições frequentadas pelos dirigentes do Banco Central do Brasil, em especial em relação ao que é, ou foi em período recente, o programa de ensino das principais escolas de graduação ou pós-graduação em Economia.

Em resumo: “ortodoxia” significa, na classificação adotada, que o conteúdo ensinado nas escolas de Economia é próximo daquele mínimo comum esposado pelos departamentos, organizações e periódicos dominantes e/ou mais prestigiados da profissão.

Nesse sentido, como os dados a seguir sobre o *background* educacional pretendem mostrar, há uma divisão, desequilibrada, entre os diretores do BCB a favor da formação ortodoxa.

³ Poderíamos nos questionar se o desenvolvimentismo não chegou mesmo a ser, para o Brasil, a ortodoxia e o *mainstream* da Economia.

Tabela 1. Diretores do BCB conforme formação intelectual (1995-2014)

		frequência	porcentual
formação econômica ortodoxa	sim	21	53,8
	não	18	46,2
Total		39	100,0

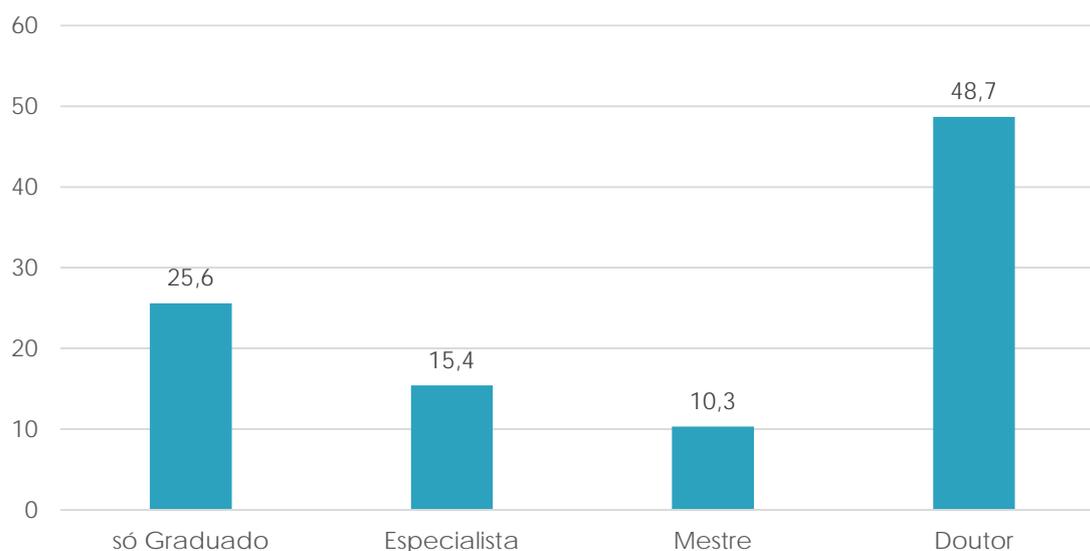
Fonte: Observatório de elites políticas e sociais do Brasil/NUSP/UFPR

Formações universitárias de graduação

O Gráfico 1 abaixo registra a distribuição dos diretores do BCB no período analisado por tipo de diploma⁴:

No universo de 39 diretores, dez deles têm apenas o curso de Graduação, seis cursaram alguma Especialização *latu sensu*, quatro obtiveram Mestrado, sempre em Economia, e praticamente metade dos dirigentes (19) seguiram para o Doutorado.

Gráfico 1. Percentual de diretores do BCB por tipos de diplomas (1995-2014)



Fonte: Observatório de elites políticas e sociais do Brasil/NUSP/UFPR

Doutorado (ou qualquer outra alta titulação escolar) não é nem pré-requisito nem atributo indispensável para ser recrutado para o Banco. Contudo, o título parece funcionar como um diferencial positivo nesse mercado de altas posições burocráticas. O grupo com mais doutores vem do setor privado (oito) e não da universidade

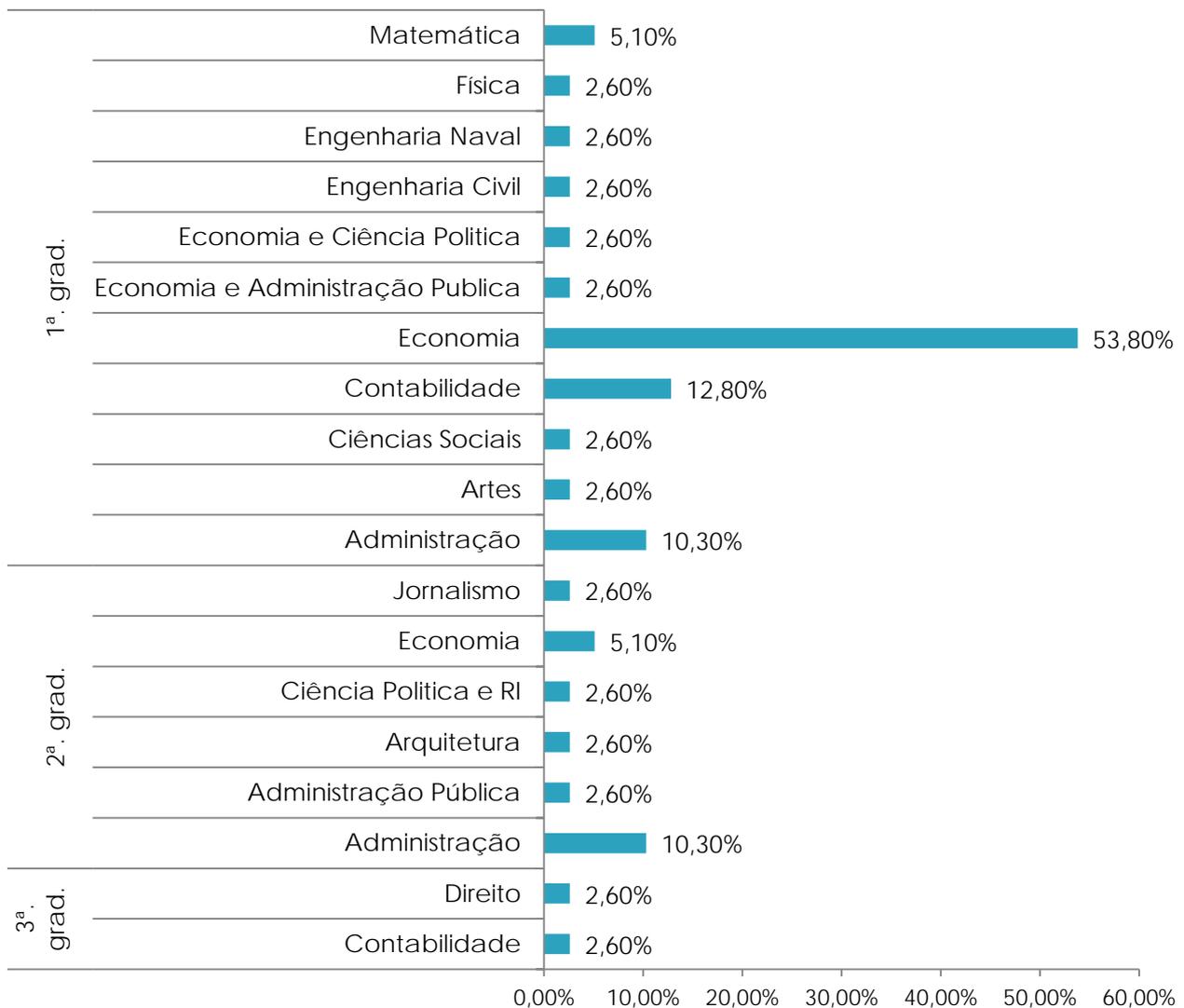
⁴ Eric Gil Dantas (Pós-Graduação em Ciência Política da UFPR) compilou as informações e organizou o banco de dados para o **Observatório de Elites Políticas e Sociais do Brasil**.

(quatro). Esse padrão não é absolutamente incomum entre o pessoal dirigente de outros Bancos Centrais, como os da OCDE: “Among the 175 monetary policy makers we surveyed, the biggest part (32%) is PhD holders, followed by professors (25%), and masters (21%), further completed by a significantly smaller participation of bachelors (16%) and by the smallest group of MBA holders (6%)” (Farvaque et al. 2009, p.108).

Dois terços dos diretores que serviram no Banco Central do Brasil nesse período (66,7%) cursaram em algum momento de suas trajetórias escolares (graduação ou pós-graduação) Economia, mas 33,3% não.

Formação estrita em Economia não parece ser pré-requisito obrigatório para ser recrutado para uma diretoria.

Gráfico 2. Percentual de diretores do BCB por tipos de diplomas de graduação(1995-2014)



Fonte: Observatório de elites políticas e sociais do Brasil/NUSP/UFPR

A sequência de diplomas de graduação dos diretores do BCB dá uma noção mais exata das diferentes carreiras: 21 (53,8%) fizeram faculdade de Economia, 11 (28,2%) cursaram áreas afins (Contabilidade, Administração, Matemática) e 7 (18%) formaram-se em áreas mais distantes (Engenharia Naval, Artes, Ciências Sociais) e pouco convencionais para o posto. Os percentuais do Gráfico 2 referem-se aos casos em cada categoria, descontados os valores dos que não fizeram uma segunda ou terceira graduações.

Como o Gráfico 2 mostra, não é incomum cursar uma segunda graduação. Dez diretores obtiveram um mais de um diploma, metade deles em Administração ou Administração Pública. Apenas dois fizeram uma terceira graduação (justamente aqueles que não fizeram qualquer pós-graduação).

Para avaliar o tipo de formação intelectual dos diretores nesse nível, é útil listar todas as instituições escolares da primeira graduação e estimar suas afinidades ou não com a ortodoxia.

Tabela 2. Instituições de ensino da primeira graduação dos diretores do BCB (1995-2014)

	frequência	porcentual
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ	8	20,5
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio	5	12,8
Centro Universitário de Brasília - CEUB	3	7,7
Universidade de Brasília - UnB	3	7,7
Universidade de São Paulo - USP	3	7,7
outras		
universidades públicas (Brasil)	5	13
universidades privadas (Brasil)	9	23,3
universidades no exterior	3	7,8
Total	39	100

Fonte: Observatório de elites políticas e sociais do Brasil/NUSP/UFPR

Não é simples determinar a orientação ortodoxa ou heterodoxa das instituições de graduação em Economia no Brasil conforme seus programas de ensino.

Isso porque o currículo dos cursos de graduação em Economia compreende muitas disciplinas de especializações diferentes, em geral divididas em três áreas: teoria econômica, métodos quantitativos e história (econômica e do pensamento).

Ao mesmo tempo, os corpos docentes são bem maiores do que os das pós-graduações, compreendendo mesmo professores que praticamente não apresentam nenhuma produção intelectual, o que dificulta a avaliação de suas posições teóricas.

Nessas faculdades, na área de teoria econômica é comum encontrar disciplinas como microeconomia que expõem, quando lecionadas utilizando os manuais mais difundidos, justamente o núcleo da ortodoxia vigente no campo. Entretanto, em disciplinas como Economia Industrial, comum em currículos de graduação no Brasil, são apresentadas várias teorias alternativas e, às vezes, complementares à ortodoxia, mas ainda não incorporadas no cânone ortodoxo.

Na área de macroeconomia, por exemplo, igualmente é usual que se lecionem disciplinas como Macroeconomia I e II com conteúdo quase exclusivamente ortodoxo, enquanto em Macroeconomia III são oferecidas abordagens de corte heterodoxo como a pós-keynesiana.

As observações acima são bastante verdadeiras para as universidades públicas, incluindo as estaduais paulistas como USP (três diretores) e Unicamp (nenhum).

Para as universidades federais, como a UFRJ, a pluralidade do ensino é, em geral, mais acentuada, com poucas exceções onde a ortodoxia é predominante: Universidade Federal do Ceará e Universidade Federal de Pernambuco.

Todavia, importantes instituições que possuem cursos de graduação, como EESP (Escola de Economia de São Paulo - FGV-SP), a FGV-RJ e a PUC-RJ podem, sem dúvida, serem classificadas como ortodoxas desde a graduação. A principal base empírica para se afirmar a ortodoxia dessas escolas privadas desde a graduação é a formação de seus professores, em geral oriundos de escolas norte-americanas de prestígio ou de outras escolas de pós-graduação ortodoxas do Brasil.

No caso, a PUC-Rio é responsável sozinha pela formação do terceiro maior contingente de dirigentes do Banco Central.

Essa informação é relevante mas tem de ser complementada pela análise dos dados da pós-graduação.

As escolas de pós-graduação dos diretores do BCB

De todos os dirigentes que fizeram alguma pós-graduação (em qualquer nível), 16 fizeram seus cursos de mestrado e/ou doutorado nos Estados Unidos, 11 no Brasil e apenas dois cursaram universidades europeias.

Quase todos os que frequentaram o doutorado (dezenove no total) cursaram-no em Economia *strictu sensu* (dezesseis), ou em alguma variação disso (um em Economia Pública e um em Planejamento Regional e Economia). Apenas um diretor fez seu doutorado em Administração.

A Tabela 3 mostra a distribuição dos doutores por países e universidades:

Tabela 3. Distribuição dos diretores do Banco Central do Brasil com doutorado por países de origem e universidades (1995-2014)

	Frequência	Porcentual
Estados Unidos		
Berkeley	6	31,6
Harvard	2	10,5
Universidade de Illinois	2	10,5
Princeton	2	10,5
Massachusetts Institute of Technology	1	5,3
Stanford	1	5,3
subtotal	14	73,7
Brasil		
Fundação Getúlio Vargas – Rio de Janeiro	1	5,3
Universidade Federal de Minas Gerais	1	5,3
Universidade de São Paulo	1	5,3
subtotal	3	15,38
Europa		
Oxford	1	5,3
Paris 1 Panthéon-Sorbonne	1	5,3
subtotal	2	10,5
Total	19	100,0

Fonte: Observatório de elites políticas e sociais do Brasil/NUSP/UFPR

Perto de 75% dos diretores do BCB que serviram nos governos Cardoso, Lula e Dilma obtiveram seu diploma de doutorado nos Estado Unidos.

Para o conjunto de universidades norte-americanas apresentado, é fora de dúvida que se deve classificá-las como ortodoxas.

Entre os departamentos de Economia das seis instituições norte-americanas citadas, apenas o da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign não está entre os dez primeiros departamentos no ranking do *website* EconPhD.net (econphd.net, 2004).

Esse ranking tem a vantagem de ser calculado a partir de dados históricos de artigos publicados entre 1993 e 2003⁵. Todavia, o departamento de Economia da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign não está mal colocado, pois está na 53^a. entre as 223 instituições pesquisadas. Essa universidade tem grande penetração

⁵ Para observar os dados do econphd.net, utilizou-se o ranking de macroeconomia, uma vez que essa é a disciplina afim da atuação do Banco Central e o referido ranking é elaborado em termos de subdisciplinas.

entre os economistas brasileiros, tendo formado muitos deles, inclusive Alexandre Tombini, por exemplo. Isso se deve ao trabalho de décadas do economista norte-americano Werner Baer junto aos brasileiros.

Para reforçar nosso resultado com um dado mais atual, cite-se o ranking do *website* Ideas (ideas.repec.org), elaborado a partir do Repec, o maior repositório de literatura econômica do mundo (*Top 25% Economics Departments, as of December 2014*). Nesse ranking, novamente, só a Universidade de Illinois está fora dos primeiros dez departamentos de Economia. Ela é a 97ª. entre 248 instituições (Ideas, 2014). Mas se analisarmos o conteúdo da disciplina de macroeconomia lecionada em 2012 para a pós-graduação (doutorado) em Urbana-Champaign, o conteúdo é bastante típico daquilo que costuma-se chamar de “escolas *freshwater*”, isto é, Economia Novo Clássica, com bastante conteúdo de métodos recursivos. Ortodoxos, dentro do nosso conceito, portanto (Parente, 2012)⁶.

Para as instituições brasileiras, vale o que foi dito acima. O curso na Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro pode ser classificado como “ortodoxo”. No caso específico da UFMG, há uma longa tradição na área de economia regional, já que sua pós-graduação está localizada no Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR), onde funciona também um programa de pós-graduação em demografia. A economia heterodoxa na UFMG é bastante prestigiada, ainda que as disciplinas básicas do curso de pós-graduação em economia sejam lecionadas a partir de manuais tradicionais (em sua maioria, ortodoxos).

O departamento de Economia da Universidade de Oxford está na 62ª. posição no ranking do *website* econphd.net, enquanto no Ideas está em quarto lugar (econphd.net, 2004). Encontramos algumas dificuldades em determinar exatamente o conteúdo do seu curso de macroeconomia, embora a descrição bastante geral contida no *website* da instituição sugira algo bem tradicional e voltado à economia Novo Clássica (University of Oxford, 2015). Adicionalmente, ao pesquisar as últimas publicações do departamento, é possível notar que o corpo docente publica em revistas de altíssimo impacto e que pertencem ao círculo ortodoxo, como *Review of Economics and Statistics*, *Econometrica*, *Review of Economic Studies*, *American Economic Review*, *The Quarterly Review of Economics* e *Economic Journal* (University of Oxford, 2015). A partir disso, pode-se inferir que o corpo docente do departamento de Economia da Universidade de Oxford circula pelos mesmos meios acadêmicos que

⁶ *Freshwater* diz respeito às instituições que se localizam no meio-oeste dos EUA, especialmente no entorno dos Grandes Lagos. A Universidade de Chicago é o grande centro de influência da economia Nova Clássica. *Saltwater*, o termo oposto, concerne às escolas de economia das costas leste e oeste, onde predominam os macroeconomistas de corte Novo Keynesiano (MIT e Harvard, por exemplo). Vale dizer que tanto a abordagem *Freshwater* quanto a *Saltwater* pertencem ao *mainstream* e podem ser consideradas parte da ortodoxia.

os pesquisadores de Berkeley, Harvard, Princeton e do MIT. Filie-se, então, Oxford às instituições de corte ortodoxo.

É mais difícil fazer alguma observação para o caso da Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, principalmente pelo caráter da pós-graduação na França. Seu departamento de Economia não consta do ranking do Ideas, mas fica em 56º. na lista do econphd.net (Ideas, 2014; econphd.net, 2004). Ao se considerar que a *Paris School of Economics* é uma instituição formada a partir dos corpos docentes de uma congregação de instituições que inclui a Universidade de Paris 1, seu departamento entraria indiretamente no ranking do Ideas em sétimo lugar (Ideas, 2014). Entretanto, como a dificuldade encontrada aqui é maior, preferimos não fazer classificação a respeito da Paris 1⁷.

Quadro 1. Síntese da classificação das instituições universitárias dos dirigentes do BCB

formação ortodoxa	outras formações
Berkeley	PUC-MG
FGV-RJ	PUC-SP
Harvard	Sorbonne
MIT	UFF
Oxford	UFMG
Princeton	UFPR
PUC-Rio	UFRJ
Stanford	UnB
Universidade de Illinois	UNESP
USP	outras instituições universitárias

Fonte: Observatório de elites políticas e sociais do Brasil/NUSP/UFPR

Considerações finais

Não é simples determinar se um *background* educacional é ortodoxo ou não. Ademais, a formação, especialmente em nível de pós-graduação, compreende certa flexibilidade que permite ao aluno frequência a aulas, seminários e mesmo conversas com acadêmicos de diferentes orientações teóricas.

Entretanto, é certo que quanto mais próximo do núcleo dominante da disciplina (departamentos acadêmicos de prestígio, periódicos de alto impacto), mais difícil é distanciar-se de uma educação econômica ortodoxa. Isso em função da definição de

⁷ Para afirmações mais acuradas, seria preferível ter informações precisas sobre o ensino de Macroeconomia no programa de pós-graduação da instituição.

ortodoxia adotada aqui – núcleo mínimo de conteúdo intelectual (teórico) do grupo que forma o *mainstream* da disciplina.

Desse modo, a educação dos diretores do BCB que se fez nos Estados Unidos, especialmente nas escolas ranqueadas entre as dez primeiras nas listas citadas, indubitavelmente são bastante ortodoxas. A educação na Universidade de Illinois em Urbana-Champaign não foge disso, também.

Já para as escolas brasileiras, a determinação é mais difícil, embora para as instituições como a FGV-RJ e a PUC-Rio o *background* educacional dos professores da pós-graduação seja bastante preciso nesse aspecto. São escolas ortodoxas. Para o caso da Universidade de São Paulo é mais difícil de se afirmar isso. Todavia, a orientação básica do programa de pós-graduação em Economia, em especial da área de concentração em teoria econômica, segue sim as diretrizes dos grandes centros mundiais.

Em resumo: há predominância, portanto, do *background* educacional ortodoxo entre os diretores do Banco Central do Brasil que serviram nos governos do PSDB e do PT nos últimos vinte anos.

Referências

- Barnett, V., 2009. Further Thoughts on Clarifying the Idea of Dissent: The Russian and Soviet Experience. *Journal of the History of Economic Thought*, 28(01), p.111. Available at: http://www.journals.cambridge.org/abstract_S1053837200009081 [Accessed January 19, 2015].
- Colander, D., Holt, R. & Rosser, B., 2004. The Changing Face of Mainstream Economics. *Review of Political Economy*, 16(4), pp.485–499. Available at: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0953825042000256702> [Accessed January 6, 2015].
- Dequech, D., 2007. Neoclassical, Mainstream, Orthodox, and Heterodox Economics. *Journal of Post Keynesian Economics*, 30(2), pp.279–302. Available at: <http://mesharpe.metapress.com/index/f74400818553167.pdf> [Accessed January 19, 2015].
- Farvaque, É., Hammadou, H. & Stanek, P., 2009. Select your Committee: The Impact of Central Bankers' Background on Inflation. *Economie internationale*, (117), pp.99–129. Available at: <http://www.cairn.info/revue-economie-internationale-2009-1-page-99.htm> [Accessed January 14, 2015].

Göhlmann, S. & Vaubel, R., 2007. The Educational and Occupational Background of Central Bankers and Its Effect On Inflation: An Empirical Analysis. *European Economic Review*, 51(4), pp.925–941. Available at: <http://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0014292106000675> [Accessed November 18, 2014].

Mollo, M. de L.R., 2004. Ortodoxia e heterodoxia monetárias: a questão da neutralidade da moeda. *Revista de Economia Política*, 24(95), pp.323–343. Available at: http://rep.org.br/ARTICLES_VIEWS.ASP?COD=992 [Accessed January 19, 2015].

Outras fontes

Econphd.net 2004, *Rankings. Macroeconomics*, acessado 17/01/2015, <http://econphd.econwiki.com/rank/rmacro.htm>

Ideas 2014, *Top 25% Economics Departments, as of December 2014*, accessed 18/01/2015, <https://ideas.repec.org/top/top.econdept.html>

Parente, S., 2012. *Macroeconomic Theory Econ 503*, Course Syllabus, viewed 17/01/2015, Department of Economics, University of Illinois at Urbana-Champaign. <http://publish.illinois.edu/parente/courses/econ503/>

University of Oxford 2015, *Department of Economics*, accessed 18/01/2015, <http://www.economics.ox.ac.uk/>

* **Adriano Codato** é professor de Ciência Política na Universidade Federal do Paraná e coordenador do **Observatório de elites políticas e sociais do Brasil** (<http://observatory-elites.org/>). Integra o Núcleo de Pesquisa em Sociologia Política Brasileira (NUSP/UFPR) ao qual o **Observatório** está vinculado. E-mail: adrianocodato@gmail.com

** **Marco Cavalieri** possui Graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (2003) e Doutorado em Economia (2008) pelo Cedeplar/UFMG. Atualmente é professor adjunto do Departamento de Economia da Universidade Federal do Paraná. Seus temas de interesse são história do pensamento econômico, metodologia da economia e administração pública. Sua produção intelectual concentra-se nas áreas de história do pensamento econômico e metodologia da economia. E-mail: cavaga@uol.com.br

como citar:

Codato, Adriano; Cavalieri, Marco. 2015. Diretores do Banco Central do Brasil nos governos Cardoso, Lula e Dilma: uma radiografia dos seus backgrounds educacionais. **Newsletter. Observatório de elites políticas e sociais do Brasil. NUSP/UFPR**, v.2, n. 5, janeiro. p. 1-17. ISSN 2359-2826

Anexo 1. Lista nominal dos Diretores do Banco Central do Brasil por governo (1995-2014)

FHC 1	Alkimar Ribeiro Moura Carlos Eduardo Tavares de Andrade Claudio Ness Mauch Demosthenes Madureira de Pinho Neto Edson Bastos Sabino Francisco Lafaiete de Padua Lopes Gustavo Henrique de Barroso Franco
FHC 1/FHC 2	Paolo Enrico Maria Zaghen
FHC 2	Daniel Luiz Gleizer Edison Bernardes dos Santos Luiz Carlos Alvarez Luiz Fernando Figueiredo Sergio Ribeiro da Costa Werlang Tereza Cristina Grossi Togni
FHC 1/FHC 2/Lula 1	Sergio Darcy da Silva Alves
FHC 2/Lula 1	Beny Parnes Carlos Eduardo de Freitas Ilan Goldfajn
Lula 1	Afonso Sant'Anna Bevilaqua Alexandre Antonio Tombini Alexandre Schwartzman Eduardo Henrique de Mello Motta Loyo Luiz Augusto de Oliveira Candiota Paulo Sergio Cavalheiro Rodrigo Telles da Rocha Azevedo
Lula 1/Lula 2	Alvir Alberto Hoffmann Joao Antonio Fleury Teixeira Paulo Vieira da Cunha
Lula 2	Anthero de Moraes Meirelles Antonio Gustavo Matos do Vale Carlos Hamilton Vasconcelos Araujo Maria Celina Berardinelli Arraes Mario Gomes Toros Mario Magalhaes Carvalho Mesquita
Lula 2/Dilma	Aldo Luiz Mendes Luiz Awazu Pereira da Silva
Dilma 1	Altamir Lopes Luiz Edson Feltrim Sidnei Correa Marques

Fonte: Observatório de elites políticas e sociais do Brasil/NUSP/UFPR

Normas para colaboração



A **Newsletter do Observatório de elites políticas e sociais do Brasil** aceita somente notas de pesquisa originais. Elas devem apresentar resultados substantivos de pesquisas empíricas a partir da análise de dados e evidências ainda não publicados. As notas de pesquisa devem conter até 2,5 mil palavras. A decisão sobre sua publicação cabe ao Editor a partir da avaliação de dois pareceristas. Os manuscritos submetidos serão avaliados através do sistema duplo-cego.

O resumo das notas de pesquisa deve ser redigido no formato IMRAD (introdução, materiais e métodos, resultados e discussão). O título da nota de pesquisa deve conter até 150 caracteres com espaços. Cada nota de rodapé deve conter no máximo 400 caracteres com espaços. As referências bibliográficas utilizadas serão apresentadas no final da nota de pesquisa, listadas em ordem alfabética obedecendo ao padrão Harvard autor-data.

As contribuições devem ser submetidas ao Editor através do endereço eletrônico:

uelites@gmail.com

Copyright© 2015



observatory of brazilian political and social elites
núcleo de pesquisa em sociologia política brasileira (nusp)

Newsletter. Observatório de elites políticas e sociais do Brasil. NUSP/UFPR. ISSN 2359-2826

editor: Adriano Codato (ufpr)

conselho editorial: Bruno Bolgnesi (unila); Bruno Speck (usp); Cláudio Gonçalves Couto (fgv-sp); Débora Messenberg (unb); Emerson Cervi (ufpr); Ernesto Seidl (ufsc); Flávio Heinz (puc-rs); Frederico Almeida (unicamp); Lucas Massimo (ufpr); Luiz Domingos Costa (uninter/ufpr); Maria Teresa Kerbauy (unesp); Paulo Roberto Neves Costa (ufpr); Pedro Floriano Ribeiro (ufscar); Renato Monseff Perissinotto (ufpr); Samira Kauchakje (puc-pr)

Financiamento: CNPq. Processo n. 477503/2012-8

observatório de elites políticas e sociais do brasil

universidade federal do paraná – ufpr
núcleo de pesquisa em sociologia política brasileira – nusp
rua general carneiro, 460 sala 904
80060-150, curitiba – pr – brasil
Tel. + 55 (41)33605098 | Fax + 55 (41)33605093

E-mail: uelites@gmail.com ▪ URL: <http://observatory-elites.org/>

One of the purposes of the observatory of elites is to condense knowledge and aggregate scholars in this field of study in Brazil through the sharing of information.

Rights and Permissions

All rights reserved.

The text and data in this publication may be reproduced as long as the source is cited.
Reproductions for commercial purposes are forbidden.

The **observatory of brazilian political and social elites** disseminates the findings of its work in progress to encourage the exchange of ideas. The papers are signed by the authors and should be cited accordingly. The findings, interpretations, and conclusions that they express are those of the authors and not necessarily those of the **observatory of brazilian political and social elites**.

Newsletters are available online at <http://observatory-elites.org/> and subscriptions can be requested by email to uelites@gmail.com.